

ÛTCHIGÜNE (CAMINHAR CRESCENDO): FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE TIKUNA, EVANGELIZAÇÃO E RECONFIGURAÇÕES DA VIDA SOCIAL EM FILADÉLFIA

José Fernandes Mendonça¹

RESUMO

Este artigo analisa o processo histórico de formação da comunidade Tikuna de Filadélfia, no Alto Rio Solimões, tomando as práticas religiosas como uma dimensão privilegiada para compreender a constituição da vida social, as disputas de autoridade, a reorganização familiar e as formas contemporâneas de afirmação identitária. Derivado da tese de doutorado Ûtchigüne (Caminhar Crescendo): a formação de uma comunidade Tikuna e suas práticas religiosas, o estudo articula história, memória, etnografia e reflexão sobre a experiência do autor como pesquisador indígena e membro da comunidade. A análise combina entrevistas, narrativas orais, observação participante, memória familiar, documentos institucionais e registros fotográficos. O argumento central é que a chegada do cristianismo não pode ser descrita apenas como substituição de práticas anteriores por uma religião externa. Em Filadélfia, a evangelização se articulou a processos de deslocamento e concentração populacional, à criação de escolas e outras estruturas comunitárias e à formação de novas lideranças. Ao mesmo tempo, a expansão das igrejas produziu conflitos, redefiniu padrões morais, interferiu nas relações familiares e deslocou parcialmente a autoridade de caciques e outras lideranças tradicionais. A fundação da Igreja Indígena Tikuna de Filadélfia, em 2009, evidencia uma resposta particularmente significativa: a apropriação de elementos cristãos combinada à valorização de símbolos e conhecimentos Tikuna, expressando uma forma de tradução e disputa do cristianismo a partir de referências indígenas. A pandemia de COVID-19, por sua vez, tornou visíveis tanto a centralidade das redes comunitárias e da oração quanto as tensões entre discursos religiosos e medidas sanitárias. Conclui-se que Ûtchigüne, “caminhar crescendo”, constitui uma chave interpretativa para compreender a comunidade como processo histórico aberto, no qual religião, território, parentesco, educação, memória e política se entrelaçam na produção de continuidade e transformação.

Palavras-chave: Povo Tikuna; Filadélfia; Ûtchigüne; religião; evangelização; memória; identidade; etnografia indígena; protagonismo indígena; organização social.

ABSTRACT

This article analyzes the historical formation of the Tikuna community of Filadélfia, in the Upper Solimões River region, taking religious practices as a privileged dimension for understanding social organization, struggles over authority, family reorganization, and contemporary forms of identity affirmation. Derived from the doctoral thesis Ûtchigüne (Walking and Growing): the formation of a Tikuna community and its religious practices, the study articulates history, memory, ethnography, and reflection on the author's experience as an Indigenous researcher and community member. The analysis

¹ Doutor em Antropologia Social no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Mestre em Linguística e Línguas Indígenas, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Licenciado em Ciências Biológicas, Universidade UniNilton Lins (Manaus, Amazonas). E-mail: biofernandesufrj@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6706794099975279>.

combines interviews, oral narratives, participant observation, family memory, institutional documents, and photographic records. Its central argument is that the arrival of Christianity cannot be described simply as the replacement of previous practices by an external religion. In Filadélfia, evangelization became intertwined with processes of displacement and population concentration, the creation of schools and other community structures, and the emergence of new forms of leadership. At the same time, the expansion of churches generated conflicts, redefined moral standards, affected family relations, and partially displaced the authority of chiefs and other traditional leaders. The founding of the Tikuna Indigenous Evangelical Church of Filadélfia in 2009 is especially significant: it reveals an appropriation of Christian elements combined with the valorization of Tikuna symbols and knowledge, expressing a form of translation and dispute over Christianity from Indigenous references. The COVID-19 pandemic, in turn, made visible both the centrality of community networks and prayer and the tensions between religious discourses and public-health measures. The article concludes that Ûtchigũne, “walking and growing,” offers an interpretive key for understanding the community as an open-ended historical process in which religion, territory, kinship, education, memory, and politics intertwine in the production of continuity and transformation.

Keywords: Tikuna people; Filadélfia; Ûtchigũne; religion; evangelization; memory; identity; Indigenous ethnography; Indigenous protagonism; social organization.

1. INTRODUÇÃO

Escrever sobre a comunidade Tikuna de Filadélfia exige deslocar o olhar de uma narrativa que apresente os povos indígenas apenas como destinatários de processos históricos produzidos por agentes externos. A história de Filadélfia é, ao contrário, uma história de deslocamentos, reorganizações, conflitos, alianças, parentesco, trabalho, escolarização, mobilização política e experiências religiosas nas quais os próprios Tikuna produziram respostas às transformações vividas no Alto Rio Solimões. É nesse sentido que o termo Ûtchigũne — “caminhar crescendo” — é tomado neste artigo não apenas como nome, mas como chave para pensar uma comunidade que se constitui e se transforma continuamente.

Os Tikuna ocupam uma extensa região do Alto Solimões, atravessada pelas fronteiras nacionais entre Brasil, Colômbia e Peru. A condição transfronteiriça não é um dado meramente geográfico: ela participa da experiência histórica, política e identitária do povo, cujas redes de parentesco, circulação e pertencimento não se encerram nos limites dos Estados nacionais (JUSTAMAND, 2016; GARCÉS, 2000). Desde os registros coloniais e etnográficos mais antigos, produzidos por viajantes, missionários e pesquisadores, diferentes imagens dos Tikuna foram construídas. Acuña (1994), Barbosa Rodrigues (1875, 1882), Alviano (1943) e, posteriormente, Nimuendajú (1930, 1952, 1977) e Cardoso de Oliveira (1964, 1998, 2000) constituem parte importante dessa documentação. Essas fontes são indispensáveis, mas precisam ser lidas criticamente, considerando as condições históricas e epistemológicas de sua produção.

A literatura antropológica mostrou que os processos de contato não implicaram simplesmente o desaparecimento das formas próprias de organização Tikuna. Ao contrário, as relações com seringalistas, comerciantes, missionários, agentes do Estado e instituições

indigenistas produziram reconfigurações, disputas e novas modalidades de organização política e territorial (LIMA, 1991, 1995; PACHECO DE OLIVEIRA, 1977, 1986, 1988, 1999, 2002, 2015, 2016, 2022). O território, nesse quadro, deve ser entendido como espaço socialmente produzido, atravessado por relações de pertencimento, circulação, parentesco e poder (HAESBAERT, 2002; LITTLE, 2002; RICARDO, 2004; SILVEIRA, 2009, 2010).

É nesse horizonte que se situa a questão central deste artigo: de que modo a formação histórica de Filadélfia se relaciona com a expansão das práticas religiosas cristãs e com as transformações da organização social Tikuna? Mais especificamente, interessa compreender como a evangelização se articulou à concentração populacional e à formação da aldeia; como as igrejas passaram a disputar ou compartilhar espaços de autoridade com lideranças tradicionais; de que maneira interferiram nas relações familiares, nos casamentos e nos padrões de comportamento; e, finalmente, como os próprios Tikuna passaram a apropriar-se, traduzir e disputar o cristianismo a partir de referências indígenas.

A hipótese desenvolvida é que a religião constitui um campo de negociação cultural e política. O cristianismo introduziu doutrinas, moralidades e formas institucionais novas, mas sua presença não produziu uma relação unilateral entre imposição e submissão. As experiências de conversão e de organização das igrejas foram apropriadas por famílias Tikuna em situações concretas, inclusive para responder a problemas de deslocamento, saúde, educação, sociabilidade e organização comunitária. Ao mesmo tempo, a religião produziu efeitos de controle e conflito que não devem ser minimizados. A ambivalência é, portanto, constitutiva do fenômeno.

O artigo deriva da tese de doutorado Ūtchigüne (Caminhar Crescendo): a formação de uma comunidade Tikuna e suas práticas religiosas, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ em 2025. A tese apresenta como objetivo compreender como as práticas religiosas moldam, transformam e sustentam a organização social e cultural de Filadélfia, articulando trajetória pessoal, história coletiva e reflexão antropológica. O presente texto reorganiza esse material em forma de argumento analítico, concentrando-se na relação entre formação comunitária, evangelização, poder, memória e protagonismo indígena.

2. CAMINHAR CRESCENDO: TERRITÓRIO, MEMÓRIA E FORMAÇÃO COMUNITÁRIA

Filadélfia não surgiu como uma unidade social pronta. Sua constituição foi resultado de movimentos de deslocamento e concentração de famílias que anteriormente viviam em áreas de várzea, cabeceiras de igarapés e ilhas do Alto Solimões. Na memória dos interlocutores reunida na pesquisa, as enchentes e as dificuldades de permanência em determinados locais foram fatores decisivos para a mudança para a área onde a comunidade se consolidaria. Esse processo

deve ser compreendido em articulação com transformações mais amplas vividas pelos Tikuna durante o século XX, inclusive aquelas relacionadas à territorialização, à atuação do Estado e à formação de novas aldeias (PACHECO DE OLIVEIRA, 1988, 1999, 2002, 2022).

A história de Filadélfia também é uma história de famílias. A genealogia reconstruída na tese evidencia a centralidade das relações de parentesco na constituição do espaço comunitário e, particularmente, a participação das famílias Fernandes, Bastos e Vasques. A memória familiar atribui lugar destacado a Alfredo Fernandes Bastos e aos seus descendentes na consolidação da aldeia. Essa narrativa não deve ser lida como simples genealogia privada: ela é uma forma de conhecimento sobre o território e sobre as responsabilidades que vinculam diferentes gerações. A memória de fundadores, caciques, professores, religiosos e familiares compõe um arquivo social que continua orientando o presente.

A relação entre memória e identidade é fundamental para compreender esse processo. Le Goff (1990) chama atenção para a dimensão social da memória, enquanto Pollak (1989) demonstra que lembrar também implica selecionar, silenciar e disputar sentidos sobre o passado. Em Filadélfia, as narrativas orais e familiares não são apenas complementos de documentos escritos; elas constituem fontes primárias para compreender como a comunidade interpreta sua própria formação. A reunião de descendentes da família de Alfredo Fernandes Bastos, registrada no acervo do autor, expressa essa dimensão: reunir gerações é também reconstruir vínculos, atualizar responsabilidades e garantir a transmissão da história.

A comunidade é igualmente marcada por deslocamentos contemporâneos. A tese registra que parte expressiva das famílias deixa o território em busca de educação, formação profissional, trabalho ou participação em espaços públicos. Esse movimento não significa necessariamente abandono da identidade. O pertencimento acompanha aqueles que circulam, produzindo uma relação entre território de origem e espaços externos. A experiência dos Tikuna no Alto Solimões mostra, assim, que território e identidade não são categorias fixas, mas processos articulados por circulação, parentesco e política (HAESBAERT, 2002; LITTLE, 2002; GARCÉS, 2000).

A posição de Filadélfia junto à sede municipal de Benjamin Constant também contribuiu para sua transformação em polo de circulação e serviços. A proximidade com a cidade facilitou relações com órgãos públicos, escolas, igrejas, comerciantes e outras instituições. Ao mesmo tempo, ampliou a presença de agentes externos e as possibilidades de disputa política. O que se constituiu foi uma comunidade cuja autonomia depende, paradoxalmente, tanto da capacidade de organizar-se internamente quanto de negociar com instituições situadas fora dela.

A formação comunitária deve, portanto, ser compreendida como processo histórico de territorialização e reorganização. O “caminhar crescendo” não indica uma trajetória linear de

progresso. Trata-se de um movimento no qual mudanças podem produzir ganhos e perdas, novas possibilidades e novas formas de dependência. A comunidade cresce materialmente, amplia suas escolas, igrejas, ruas e serviços, mas também enfrenta conflitos internos, transformações familiares e disputas pela definição do que deve permanecer como referência cultural.

3. DO CONTATO À EVANGELIZAÇÃO: A CHEGADA DO CRISTIANISMO

A presença cristã em Filadélfia precisa ser situada em uma história mais ampla de contatos religiosos entre os Tikuna e diferentes agentes externos. Missionários católicos e evangélicos, movimentos messiânicos e instituições indigenistas atuaram em contextos de transformação territorial e social. Oro (1978, 1979) analisou a força dos movimentos messiânicos entre os Tikuna, enquanto Pacheco de Oliveira (1999, 2002, 2015) demonstrou que a busca da salvação e as expectativas milenaristas podem ser relacionadas a processos de territorialização, ação indigenista e reorganização política. A religião, portanto, não aparece como esfera separada da história territorial.

As narrativas dos primeiros convertidos de Filadélfia permitem acompanhar essa transformação a partir de uma perspectiva interna. Segundo os relatos reunidos na tese, por volta de 1970 o evangelho chegou às famílias que viviam na região da Ilha do Cleto, posteriormente Bom Intento, por intermédio do Tikuna Manoel Salvador, da comunidade Vila Betânia, acompanhado do missionário norte-americano João Carlinho. Entre os primeiros Tikuna identificados como convertidos aparecem Ricardo Alfredo, Gino, Arlindo e Danilo. A conversão foi inicialmente acompanhada por desconfiança e temor. Alguns moradores receavam que aceitar o evangelho provocasse transformação corporal ou perda da identidade. O processo, portanto, foi marcado por negociação, resistência e convencimento, e não por uma adesão automática.

Um acontecimento decisivo ocorreu em 1972, quando uma grande enchente atingiu a ilha onde parte dessas famílias vivia. O deslocamento para a área que se tornaria Filadélfia coincidiu com a consolidação de novas formas de sociabilidade religiosa. Na memória dos interlocutores, a formação da comunidade e a expansão do evangelho aparecem relacionadas: famílias que antes viviam mais dispersas passaram a morar próximas, a reunir-se e a discutir necessidades coletivas. A religião funcionou, nesse contexto, como uma das linguagens através das quais a nova comunidade foi organizada.

A primeira igreja foi construída em 1974 pelos próprios convertidos, com materiais disponíveis localmente, como palha e troncos. Em 1979, a Igreja Batista Ebenezer foi estabelecida sob a atuação das missões ligadas à Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIBI). Posteriormente, novas denominações passaram a atuar na aldeia. A tese registra a

existência de cinco igrejas evangélicas em Filadélfia, compondo um campo religioso diversificado. Essa multiplicidade é importante porque impede falar de “a igreja” como uma instituição homogênea: diferentes congregações possuem doutrinas, estilos de liderança, relações com a cultura Tikuna e modos de intervenção comunitária distintos.

A própria trajetória da escola mostra a proximidade histórica entre evangelização, alfabetização e organização comunitária. Nos relatos reunidos na tese, o pastor João Carlinho ensinou alguns moradores a ler e escrever; posteriormente, o pastor Modestino teria iniciado atividades de ensino, e Nino Fernandes tornou-se um dos primeiros professores indígenas reconhecidos e remunerados pela prefeitura. Em 1978, foi construída a Escola Ebenezer. Décadas depois, as mobilizações comunitárias contribuíram para a criação da Escola Estadual Indígena Professor Gildo Sampaio Megatanücü, formalizada para atender o Ensino Médio e reduzir o deslocamento dos estudantes para a sede municipal. A escolarização, entretanto, não ficou subordinada à religião: progressivamente tornou-se também espaço de luta por autonomia educacional indígena.

Esse entrelaçamento inicial não significa que igreja e escola tenham permanecido sempre sob o mesmo projeto. A expansão da educação escolar indígena, especialmente a partir das lutas do movimento indígena, ampliou o campo de atuação das próprias lideranças Tikuna. A educação passou a ser reivindicada como direito e instrumento de autonomia, articulando língua, cultura, formação profissional e participação política (BENDAZZOLI, 2011; COHN, 2013; CARVALHO, 2020). O que a história de Filadélfia mostra é que instituições inicialmente associadas a agentes externos podem ser apropriadas e transformadas por sujeitos indígenas.

4. CONVERSÃO, SALVAÇÃO E REORGANIZAÇÃO SOCIAL

A conversão cristã em Filadélfia não pode ser reduzida a uma decisão exclusivamente individual. As narrativas dos primeiros convertidos sugerem que a adesão ao evangelho ocorreu em um universo social marcado por deslocamentos, enchentes, conflitos, expectativas sobre o futuro e preocupações com a vida coletiva. É nesse ponto que o diálogo com a produção de Pacheco de Oliveira sobre os Tikuna se torna especialmente produtivo. A “busca da salvação” não constitui apenas uma experiência espiritual: pode participar de movimentos de reorganização social e territorial (PACHECO DE OLIVEIRA, 1999, 2002).

As narrativas sobre as enchentes e o temor de catástrofes também precisam ser compreendidas em relação às cosmologias Tikuna. As histórias de origem, os conhecimentos sobre os seres criadores e as relações entre humanos, natureza e mundo espiritual constituem formas próprias de interpretar a existência. O livro *Torü Duü’ Ügü – Nosso Povo* (MAGUTA, 1985/2021) é especialmente importante por registrar conhecimentos produzidos no interior do próprio povo. Rocha (1991), ao discutir o conceito de mito, oferece um contraponto para

compreender que narrativas de origem não devem ser tratadas simplesmente como ficções, mas como formas socialmente significativas de organizar experiências e sentidos.

Nesse contexto, a chegada do cristianismo produziu uma situação de tradução. Conceitos cristãos passaram a ser expressos em língua Tikuna e inseridos em relações sociais já existentes. A tese registra, por exemplo, o uso de Tupana para designar Deus e a expressão Tupana arü ore para se referir à palavra ou às “boas novas” de Deus. A tradução linguística não significa identidade completa entre sistemas cosmológicos; ela indica que a apropriação do cristianismo ocorreu por meio de categorias e práticas locais.

Macedo (1999), ao analisar a conversão cristã e a identidade Tikuna, mostra a necessidade de relacionar experiência religiosa e transformação identitária. A conversão pode modificar comportamentos e relações, mas não apaga automaticamente pertencimentos anteriores. Em Filadélfia, a questão aparece de maneira particularmente forte porque os convertidos continuam inseridos em redes de parentesco, memória e territorialidade Tikuna. A pessoa pode mudar de igreja sem deixar de ser Tikuna; pode assumir uma identidade evangélica sem abandonar necessariamente todos os elementos de sua organização social; pode também rejeitar determinadas práticas tradicionais e, ainda assim, participar de ações políticas em defesa do território e dos direitos indígenas.

A experiência da Irmandade da Santa Cruz e de outros movimentos messiânicos no Alto Solimões reforça a necessidade de pensar a religião em relação à história. José Francisco da Cruz, conhecido como Irmão José, mobilizou expectativas de salvação e transformação em comunidades Tikuna, Cocama e entre populações ribeirinhas. Oro (1978, 1979) e Pacheco de Oliveira (2015) demonstram que tais movimentos não podem ser explicados apenas por categorias teológicas: eles envolvem redes econômicas, relações de poder, circulação de pessoas e expectativas diante de mudanças históricas.

Em Filadélfia, a conversão também se relacionou a formas concretas de cuidado. As igrejas tornaram-se lugares de reunião, oração, aconselhamento e ajuda mútua. Em uma comunidade que crescia e precisava organizar escolas, saúde, transporte, ruas e relações com instituições públicas, a congregação podia funcionar como uma infraestrutura social. Essa dimensão ajuda a explicar por que a religião alcançou tamanha importância sem pressupor que todos os seus efeitos fossem positivos.

5. IGREJAS, PODER E DISPUTAS DE AUTORIDADE

A expansão das igrejas produziu uma nova configuração de autoridade. Na organização política Tikuna, caciques e outras lideranças tradicionais possuem papéis centrais, mas pastores e dirigentes religiosos passaram também a influenciar decisões coletivas. Pacheco de Oliveira (1977, 1986, 1988, 2015) demonstrou a importância das facções, das relações de poder e do

regime tutelar para compreender a organização política Tikuna. A presença de igrejas deve ser incorporada a esse quadro como mais uma dimensão através da qual alianças, conflitos e posições de liderança são construídos.

A autoridade religiosa não é uniforme. Há pastores que exercem forte controle moral sobre os membros e há lideranças que procuram conciliar fé cristã e referências indígenas. As diferenças entre as denominações tornam-se particularmente visíveis em relação a vestimentas, rituais, casamento, festas e usos de símbolos culturais. Algumas congregações tradicionais tendem a considerar determinadas práticas indígenas incompatíveis com a doutrina cristã; a Igreja Indígena Evangélica de Filadélfia, por sua vez, procurou construir uma linguagem religiosa capaz de incorporar elementos da cultura Tikuna.

A criação da Igreja Indígena Tikuna de Filadélfia, em 2 de agosto de 2009, representa um momento decisivo. Sob a liderança inicial do pastor Atos Fermin Vasques e com Martinho como vice-pastor, a nova igreja foi apresentada como espaço de formação de jovens e de valorização da identidade indígena. Segundo a tese, uma das mudanças simbólicas foi a utilização do cocar no interior da igreja. Mais do que um detalhe ritual, essa prática expressa uma disputa sobre o significado da cultura: aquilo que anteriormente podia ser classificado como “impuro” ou incompatível com o cristianismo passa a ser reivindicado como parte legítima de uma espiritualidade indígena.

A atuação de Atos Fermin Vasques é descrita na tese também no campo educacional. Sua participação em projetos de reestruturação de escolas e sua defesa da oralidade, do grafismo e da língua materna mostram que, para algumas lideranças, religião e educação podem compor um mesmo projeto de fortalecimento comunitário. Não se trata de afirmar que a igreja seja simplesmente “tradicional”, mas de observar como ela se torna um espaço de produção de uma teologia contextualizada, em que ser cristão e ser Tikuna são apresentados como pertencimentos que podem coexistir.

Ao mesmo tempo, a tese documenta situações em que igrejas funcionam como mecanismos de controle social. Pastores podem interferir em relações conjugais, decisões familiares, comportamentos considerados adequados e resolução de conflitos. Essa influência alcança inclusive as formas de constituição de novas unidades familiares. As regras de parentesco e casamento entre clãs e metades constituem dimensões fundamentais da organização Tikuna, e sua relação com normas cristãs pode produzir negociações e tensões. A religião, portanto, não apenas organiza crenças: ela participa da produção de normas sociais.

Essa disputa de autoridade também se projeta para fora da aldeia. Igrejas mantêm relações com prefeituras, secretarias, comerciantes, militares e políticos. Em determinados momentos, podem funcionar como mediadoras no acesso a políticas públicas; em outros,

tornam-se espaços de disputa política. A religião não está fora da política, assim como a política não está fora da vida religiosa. O que existe é uma sobreposição de redes de poder que atravessam a comunidade.

6. A IGREJA INDÍGENA E A APROPRIAÇÃO DO CRISTIANISMO

A fundação da Igreja Indígena Tikuna de Filadélfia permite avançar para além de uma interpretação segundo a qual a expansão evangélica significaria simplesmente perda cultural. O que aparece na experiência de Filadélfia é uma disputa pelo direito de definir o que significa ser cristão e, simultaneamente, ser Tikuna. Essa disputa é uma forma de protagonismo indígena que dialoga com experiências mais amplas de produção de conhecimentos e instituições pelos próprios povos indígenas, como demonstra Pacheco de Oliveira (2012) ao analisar a refundação do Museu Magüta.

O protagonismo não consiste em rejeitar toda influência externa. Ele pode assumir a forma de apropriação seletiva. A Bíblia, os cultos, a música, a oração e a organização institucional são elementos cristãos; mas podem ser reorganizados em uma comunidade que possui língua, memória, estética, parentesco e concepções próprias. A cultura, nesse sentido, não é um estoque de objetos antigos ameaçado por qualquer mudança. Carneiro da Cunha (2009) chama atenção para a necessidade de pensar cultura como produção e transformação de significados. A experiência de Filadélfia confirma a fecundidade dessa perspectiva.

As práticas rituais Tikuna ajudam a visualizar o que está em jogo. A Festa da Moça Nova, estudada por Faulhaber (2000, 2007a, 2007b), Costa (2017) e documentada também por Schultz (1959), envolve máscaras, performances, relações de gênero, memória e cosmologia. Seus objetos não são meramente materiais: estão inseridos em redes de significados e relações sociais. A presença de igrejas pode criar tensão com esse universo ritual, sobretudo quando determinadas práticas são classificadas como incompatíveis com a fé cristã. Mas a tensão não produz necessariamente desaparecimento; em alguns contextos, gera reformulações e novas formas de afirmação.

O acervo fotográfico produzido e reunido pelo autor participa desse processo de documentação. Cardoso de Oliveira (2000), Scherer (1996) e Pellegrino (2007) ajudam a compreender a fotografia como dado e linguagem da pesquisa antropológica. No caso de Filadélfia, fotografias de igrejas, reuniões familiares, festas, escolas e lideranças não funcionam apenas como ilustração. Elas registram relações, permitem reconstruir trajetórias e constituem parte da memória social. A documentação visual, contudo, deve ser acompanhada pela identificação de quem produz, guarda, interpreta e autoriza o uso das imagens.

A Igreja Indígena, nesse sentido, pode ser entendida como uma experiência de tradução e disputa. Ela não elimina o cristianismo, mas procura deslocar sua posição de exterioridade

absoluta. Ao incorporar símbolos indígenas, formar jovens e defender uma espiritualidade contextualizada, a instituição busca tornar o cristianismo compatível com um projeto de autonomia. Esse movimento não está livre de contradições, mas é precisamente a contradição que o torna antropológicamente relevante.

7. FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E CONTINUIDADE CULTURAL

A formação de Filadélfia também pode ser observada pela relação entre religião, família e educação. A tese mostra que a construção da escola esteve ligada a necessidades produzidas pelo crescimento da comunidade e pelas reivindicações de seus moradores. A primeira escola, associada à Igreja Ebenezer, foi posteriormente acompanhada por outras instituições e por uma ampliação da oferta educacional. A Escola Municipal Indígena Ebenezer passou a atender Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos; a Escola Estadual Indígena Professor Gildo Sampaio Megatanücü ampliou o acesso ao Ensino Médio, tornando-se polo para comunidades próximas.

Essas instituições são resultado de lutas comunitárias e do movimento indígena, e não simples efeitos da evangelização. A tese registra, por exemplo, a mobilização para que a escola estadual tivesse gestão indígena e para que o nome do professor Gildo Sampaio fosse incorporado ao nome oficial, incluindo o termo Megatanücü relacionado ao seu clã. A educação aparece, assim, como campo de disputa pela autonomia e pela definição do conhecimento legítimo.

A discussão aproxima-se das contribuições de Cohn (2013) e Bendazzoli (2011), que chamam atenção para a especificidade da educação indígena e para a formação de professores Tikuna. Carvalho (2020) acrescenta a dimensão linguística ao mostrar a complexidade das situações de contato entre português e Tikuna. Em Filadélfia, escola e religião podem compartilhar espaços e trajetórias, mas não devem ser confundidas. A escolarização contemporânea é atravessada por políticas públicas, formação universitária e lutas do movimento indígena, enquanto as igrejas operam a partir de doutrinas e formas próprias de autoridade.

A trajetória de filhos de Filadélfia que alcançaram graduação, especialização, mestrado e doutorado também modifica a relação da comunidade com o conhecimento. A formação superior cria novas possibilidades de participação em instituições públicas, universidades e movimentos indígenas. O pesquisador indígena emerge nesse cenário como sujeito que pode produzir documentação e interpretação sobre sua própria comunidade, deslocando o lugar tradicionalmente ocupado pelo antropólogo externo.

Essa transformação é importante porque a história de Filadélfia não está destinada a ser preservada apenas por arquivos externos. A comunidade produz seus próprios registros, escolas,

igrejas, associações, fotografias, genealogias e narrativas. A obra Magüta/Museu Nacional (1988b), assim como Torü Duü' Ügü (MAGUTA, 1985/2021), são exemplos de iniciativas em que conhecimentos Tikuna participam diretamente da produção de documentação sobre o próprio povo. O desafio contemporâneo é fazer com que esses materiais continuem sendo apropriados pelas novas gerações.

8. MEMÓRIA, VISUALIDADE E ETNOGRAFIA A PARTIR DE DENTRO

A posição do pesquisador é parte constitutiva desta pesquisa. José Fernandes Mendonça nasceu no universo social investigado, cresceu em Filadélfia e é descendente de famílias diretamente relacionadas à formação da comunidade. Essa condição produz possibilidades específicas de acesso a memórias, relações de parentesco e interpretações locais, mas também exige reflexividade. Pesquisar uma comunidade da qual se faz parte não significa transformar experiência pessoal em evidência automática; significa construir procedimentos capazes de colocar memória, pertencimento e conhecimento em diálogo com a análise antropológica.

A pesquisa articula entrevistas, observação participante, narrativas orais, documentos e registros fotográficos. A etnografia, aqui, não é somente uma técnica de coleta de dados: é uma forma de relação. O autor não ocupa a posição de observador exterior que chega a uma comunidade desconhecida; ele pesquisa relações das quais participa. Essa diferença tem implicações éticas e epistemológicas, pois a escrita produz efeitos sobre pessoas, famílias e memórias que continuarão existindo depois da publicação.

Cardoso de Oliveira (2000) já havia problematizado a imagem dos Tükúna produzida no contexto do trabalho antropológico. A questão permanece atual: quem fotografa, quem nomeia, quem classifica e quem interpreta? A produção visual da tese procura deslocar esse problema ao incorporar fotografias do acervo pessoal e registros relacionados à própria trajetória comunitária. Scherer (1996) e Pellegrino (2007) permitem compreender a fotografia como documento e como forma específica de produção de conhecimento. No caso Tikuna, contudo, a fotografia precisa ser lida em conjunto com as narrativas que dão sentido às pessoas e às situações registradas.

A memória familiar também exige cuidado. Narrativas sobre antepassados, fundadores e conflitos não são reproduções neutras do passado. Elas selecionam acontecimentos, atribuem responsabilidades e estabelecem continuidades entre gerações. A genealogia, por isso, é simultaneamente história social e afirmação de pertencimento. O diálogo entre memória oral e bibliografia antropológica permite produzir uma narrativa que não abandona as fontes clássicas, mas também não as coloca como autoridade exclusiva.

Essa postura aproxima o trabalho daquilo que pode ser denominado etnografia indígena ou etnografia situada. Pacheco de Oliveira (2012) mostrou, no caso do Museu Magüta, como a

produção e a preservação de conhecimentos podem constituir formas de protagonismo indígena. A pesquisa de Filadélfia participa desse movimento ao transformar a escrita acadêmica em uma forma de documentação que retorna à comunidade como memória, reflexão e instrumento de transmissão.

9. PANDEMIA, RELIGIÃO E AS DISPUTAS SOBRE O CUIDADO

A pandemia de COVID-19 interrompeu a pesquisa de campo e alterou profundamente a dinâmica da comunidade. As barreiras sanitárias, o fechamento de aeroportos e o isolamento modificaram as possibilidades de circulação. Para o autor, a impossibilidade de retornar imediatamente à aldeia produziu também uma experiência de deslocamento e pertencimento: pesquisar de longe significava acompanhar uma crise que atingia diretamente familiares e interlocutores.

Na comunidade, o medo da doença se combinou a práticas de oração, cuidados domésticos e redes de solidariedade. A tese registra relatos de ruas vazias, isolamento dos doentes e sofrimento familiar. Ao mesmo tempo, circularam interpretações religiosas sobre proteção divina e sobre a necessidade — ou não — de determinadas medidas sanitárias. Em alguns relatos, apareceram resistências à vacinação e informações falsas sobre seus efeitos. É importante tratar essas narrativas com precisão: elas são parte do material etnográfico sobre as disputas de interpretação durante a pandemia e não podem ser generalizadas para todos os fiéis ou para todas as igrejas.

A pandemia tornou particularmente visível o poder dos líderes religiosos sobre a circulação de informações. Alguns pastores atuaram como acolhedores e mediadores, enquanto outros, segundo os relatos reunidos pelo autor, reproduziram informações sem base científica ou desencorajaram medidas de proteção. Essa diferença reforça um ponto central do artigo: não existe uma única relação entre religião e comunidade. As igrejas podem produzir cuidado, solidariedade e pertencimento; podem também produzir formas de controle e desinformação.

A discussão pode ser relacionada à literatura sobre saúde indígena mobilizada na tese, que inclui Diehl (2003), Castro (2016), Erthal (1998) e Ioris (1991), bem como ao debate sobre transformações ambientais e condições de vida. A saúde não se limita à presença ou ausência de doença: envolve território, alimentação, acesso a serviços, circulação e formas de cuidado. A experiência da COVID-19 evidenciou que políticas sanitárias precisam dialogar com instituições locais, linguagens religiosas e redes comunitárias.

A pandemia também mostrou a importância da alimentação e das práticas de subsistência. A expansão populacional, a aproximação com a cidade e a mudança dos hábitos alimentares foram percebidas pelos moradores como parte de transformações mais amplas na vida comunitária. Essa dimensão se articula às discussões sobre desenvolvimento entre os Tikuna

(ALMEIDA, 2005) e sobre impactos ambientais e tecnológicos na Amazônia indígena (FRANÇA, 2020; FRANÇA, 2025). Não se trata de opor de forma simplista “tradição” e “modernidade”, mas de observar como novas necessidades reorganizam práticas antigas e criam outras formas de dependência.

10. DISCUSSÃO: ÛTCHIGÛNE COMO PROCESSO DE CONTINUIDADE E TRANSFORMAÇÃO

Os diferentes momentos analisados permitem retomar a expressão Ûtchigũne como uma categoria interpretativa. “Caminhar crescendo” sintetiza uma concepção de comunidade como processo: Filadélfia se forma por deslocamentos, cresce com novas famílias, constrói escolas e igrejas, cria lideranças, enfrenta conflitos e reelabora suas relações com instituições externas. Não há um ponto final no qual a comunidade possa ser considerada definitivamente constituída.

Essa perspectiva também ajuda a superar duas interpretações insuficientes. A primeira seria considerar que a evangelização destruiu a cultura Tikuna. A segunda seria afirmar que o cristianismo foi simplesmente absorvido sem produzir conflitos. Os dados da tese indicam algo mais complexo. Houve perda e abandono de determinadas práticas; houve pressão moral e deslegitimação de elementos culturais; mas houve também apropriação, tradução, criação institucional e afirmação indígena dentro do próprio campo cristão.

A cultura, portanto, não aparece como oposição à mudança. Carneiro da Cunha (2009) permite pensar que os grupos produzem e transformam significados continuamente. As práticas rituais analisadas por Faulhaber (2007a, 2007b) e Costa (2017), os conhecimentos registrados por Magüta (1985/2021), os processos de territorialização analisados por Pacheco de Oliveira (1999, 2002, 2022) e as reflexões sobre identidade e fronteira de Garcés (2000) e Justamand (2016) convergem para uma compreensão histórica da vida Tikuna: pertencimento não é sinônimo de imobilidade.

A própria ideia de comunidade também precisa ser tratada criticamente. Anderson (1993) mostra que comunidades e pertencimentos são produzidos por narrativas e práticas de identificação, enquanto Little (2002) chama atenção para territórios sociais construídos por grupos tradicionais. No caso de Filadélfia, parentesco, religião, escola, associação, território e memória produzem diferentes círculos de pertencimento. Uma pessoa pode participar de uma igreja e discordar de outra; ser liderança religiosa e atuar na política indígena; sair para estudar e continuar vinculada à comunidade; morar fora e retornar para festas e reuniões familiares. A comunidade existe justamente por meio dessas relações móveis.

Também é preciso reconhecer que a expansão institucional tem custos. O crescimento de igrejas pode gerar competição entre pastores e congregações; a escolarização pode aumentar a dependência de políticas públicas externas; a circulação para a cidade pode ampliar

oportunidades e, simultaneamente, produzir vulnerabilidades; a participação política pode fortalecer direitos e criar novas disputas internas. O “caminhar crescendo” é, portanto, uma metáfora de movimento, não de progresso linear.

Nesse sentido, o principal resultado da pesquisa é demonstrar que a religião constitui uma dimensão da própria formação comunitária. Ela não é apenas crença privada. Participa da organização de espaços, da formação de lideranças, da educação, da resolução de conflitos, das relações familiares e das articulações políticas. Ao mesmo tempo, é transformada pelos Tikuna. O caso da Igreja Indígena de Filadélfia mostra que a apropriação do cristianismo pode tornar-se parte de um projeto de autonomia cultural, ainda que esse projeto permaneça atravessado por contradições.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Filadélfia demonstra que a formação de uma comunidade Tikuna não pode ser compreendida por uma única variável. Território, parentesco, deslocamento, religião, educação, política e memória constituem dimensões interdependentes de um processo histórico de longa duração. A chegada do cristianismo foi um dos elementos que reorganizaram esse processo, mas não o explica isoladamente.

A evangelização contribuiu para aproximar famílias, criar espaços de reunião e participar da construção de escolas e outras estruturas comunitárias. A primeira igreja, fundada em 1974, e a posterior consolidação da Igreja Batista Ebenezer expressam essa etapa. Ao longo das décadas, novas denominações apareceram e produziram diferentes formas de sociabilidade e autoridade. Em 2009, a criação da Igreja Indígena Tikuna de Filadélfia marcou uma mudança importante ao reivindicar explicitamente uma articulação entre fé cristã e identidade Tikuna.

As igrejas, entretanto, não devem ser tratadas apenas como agentes de coesão. Elas também produzem padrões morais, disputam autoridade, interferem em relações familiares e podem entrar em conflito com práticas rituais. A coexistência de caciques, pastores, professores, dirigentes de associações e agentes públicos cria uma configuração plural de poder. A religião torna-se, assim, um dos espaços em que se decide quem pode falar em nome da comunidade e quais valores devem orientar sua vida coletiva.

O caso de Filadélfia mostra ainda que a resistência cultural não se manifesta apenas pela recusa de influências externas. Ela pode ocorrer pela apropriação, tradução e transformação. A utilização do cocar na Igreja Indígena, a formação de jovens, a valorização da língua e a articulação entre fé e conhecimentos ancestrais são exemplos de como sujeitos Tikuna procuram disputar o sentido da própria mudança. Essa agência impede que o povo seja representado como vítima passiva de processos de evangelização, tutela ou modernização.

A memória ocupa papel decisivo nesse movimento. Recuperar as histórias das famílias, registrar narrativas dos mais velhos, preservar fotografias e documentar a formação das instituições significa construir condições para que as novas gerações conheçam as trajetórias que produziram a comunidade. Nesse ponto, a pesquisa realizada por um pesquisador indígena assume dimensão política: não se trata apenas de produzir uma descrição acadêmica, mas de participar da elaboração de uma memória coletiva.

Por fim, Ũtchigüne — caminhar crescendo — pode ser compreendido como uma imagem adequada para a própria dinâmica da comunidade. Filadélfia não é uma realidade parada entre “tradição” e “modernidade”. É uma comunidade em movimento, que se transforma ao mesmo tempo em que produz continuidades. Sua história revela que identidade e mudança não são opostas. O desafio contemporâneo está em garantir que as transformações sejam acompanhadas pela capacidade dos próprios Tikuna de decidir sobre seus territórios, seus conhecimentos, suas instituições e suas formas de futuro.

REFERÊNCIAS

- ACUÑA, Cristóbal de. Novo descobrimento do grande rio das Amazonas. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- ALMEIDA, Fábio Vaz Ribeiro. Desenvolvimento sustentado entre os Ticuna: as escolhas e os rumos de um projeto. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 1, p. 45-110, jan./abr. 2005.
- ALVIANO, Fidelis de (O. M. Cap.). Notas etnográficas sobre os Ticuna do Alto Solimões. Revista do IHGB, n. 18, p. 5-34, 1943.
- ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- BARBOSA RODRIGUES, João. Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1875.
- BARBOSA RODRIGUES, João. Tribu dos Ticunas. Revista da Exposição Anthropologica Brasileira, Rio de Janeiro, p. 52-152, 1882.
- BENDAZZOLI, Sirlena. Políticas Públicas de Educação Escolar Indígena e a Formação de Professores Ticunas no Alto Solimões/AM. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2011.

- BRASIL, D. F. Desenvolvimento econômico: uma nova preocupação dos Tikuna. In: RICARDO, Carlos Alberto (ed.). Povos Indígenas no Brasil: 1991/1995. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1996. p. 310-312.
- CARVALHO, Ana Letícia Ferreira de. Usos linguísticos dos Tikuna em situação de contato: uma análise do contato português/Tikuna em diversos domínios/âmbitos. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.
- CASTRO, Edna Lúcia de. Políticas públicas e a saúde dos povos indígenas no Brasil. Curitiba: Appris, 2016.
- CATACHUNGA, E. L.; SCHWARTZ, R. M. P. B.; SILVA, R. A. O povo Tikuna sob uma perspectiva histórica: de suas origens mitológicas à perda de sua identidade. Revista Sem Aspas, v. 10, e021006, 2021.
- COHN, Clarice. Antropologia e educação indígena: subsídios para uma reflexão crítica. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- COSTA, May Anyely Moura da. “Nós, Tikuna, temos que cuidar da nossa cultura”: um estudo sobre o ritual de iniciação feminina entre os Tikuna de Umariacú I, Tabatinga, Alto Solimões (AM). Manaus: EDUA, 2017.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com aspas: ensaios sobre o patrimônio cultural. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- DIEHL, Eliane. Saúde e povos indígenas no Brasil: perspectivas atuais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- ERTHAL, Regina Maria de Carvalho. O suicídio Tikuna na região do Alto Solimões – AM. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1998.
- FAULHABER, Priscila. Interpretando os artefatos rituais Tikuna. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 17, p. 345-363, 2007b.
- FAULHABER, Priscila. O ritual e seus duplos: fronteira, ritual e papel das máscaras na festa da moça nova Tikuna. Boletín de Antropología Universidad de Antioquia, v. 21, n. 38, p. 86-103, 2007a.
- FAULHABER, Priscila. Refletindo sobre as máscaras Tikuna. In: XXIV REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS, 2000, Petrópolis. Anais/GT Antropologia Indígena, p. 1-21.

- FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro. Impactos climáticos na tecnologia indígena amazônica brasileira: reflexões. *Revista Scientiarum Historia*, n. 1, v. 1, e495.
- FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro. *Mil Peças: Coleções Tikuna do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Setor de Etnologia do Museu Nacional, 2020.
- GARCÉS, Claudia Leonor Lopes. *Ticunas brasileiros, colombianos e peruanos: etnicidade y nacionalidade en la región del alto Amazonas/Solimões*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000.
- HAESBAERT, Rogério. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- IORIS, Edviges Marta. A expansão do cólera nas áreas Tikuna. *Resenha & Debate, Museu Nacional-PETI*, n. 5, p. 18-24, 1991.
- JUSTAMAND, Michel. O exemplo Tikuna na tríplice fronteira: Brasil, Colômbia e Peru. *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos*, v. 16, n. 1, p. 123-138, 2016.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LIMA, Antônio Carlos de Souza. O massacre de São Leopoldo: mais uma investida contra os Tikuna. In: RICARDO, Carlos Alberto (ed.). *Povos Indígenas no Brasil: 1987/88/89/90*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1991. p. 240-242.
- LIMA, Antônio Carlos de Souza. *O governo dos índios: formação do campo indigenista no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995.
- LIMA, Widney Pereira de. *Os Ticuna e a Igreja Indígena em Filadélfia, Amazonas*. 2013. 115 f.
- LITTLE, Paul E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.
- MACEDO, G. M. A conversão cristã e identidade Ticuna: a trajetória de Campo Alegre. *Amazônia em Cadernos*, n. 5, p. 175-193, 1999.
- MAGUTA. *Torü Duü' Ügü – Nosso Povo*. Brasília: Ministério da Cultura, 1985. 1. ed.; Manaus: Valer Editora, 2021. 2. ed., revista e ampliada.
- MAGUTA/MUSEU NACIONAL. *Rü Aü I Ticunagü Arü Wu'i: A lágrima Tikuna é uma só*. Benjamin Constant (AM) e Rio de Janeiro: Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões/Museu Nacional, 1988b.

- NEVES, Walter Alves; SALZANO, Francisco Mauro. Demografia genética dos índios Tikuna da Amazônia. *Acta Amazônica*, v. 12, n. 1, p. 103-110, 1982.
- NIMUENDAJÜ, Curt. Besuch bei den Tukuna-Indianern. *Ethnologischer Anzeiger*, Stuttgart, v. 2, n. 4, p. 188-194, 1930.
- NIMUENDAJÜ, Curt. The Tukuna. Berkeley; Los Angeles: University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, v. 45, 1952.
- NIMUENDAJU, Curt. Os índios Ticuna. *Revista Antropológica*, n. 7. Rio de Janeiro: Boletim do Museu do Índio, 1977.
- NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Amazonas: a divisão da “monstruosidade geográfica”. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A imagem dos Tükúna no contexto de um trabalho antropológico: fotografias de Roberto Cardoso de Oliveira. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 239-246, 2000.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O índio e o mundo dos brancos. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Tikuna/1959: excertos de um diário de campo. 1998.
- ORO, Ari Pedro. Los índios Tukuna y el movimiento de Santa Cruz. *Estudios Íbero-Americanos*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 29-50, 1979.
- ORO, Ari Pedro. Tukuna: vida ou morte. Porto Alegre: UCS/EST/VOZES, 1978.
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. As facções e a ordem política em uma reserva Ticuna. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 1977.
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. “O Nosso Governo”: os Ticuna e o regime tutelar. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1986.
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. O nosso governo: os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero, 1988.
- PACHECO DE OLIVEIRA, João. A busca da salvação: ação indigenista e etnopolítica entre os Ticuna. In: *Ensaio em Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999. p. 21-59.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Ação indigenista e utopia milenarista: as múltiplas faces de um processo de territorialização entre os Ticuna. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (org.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. A refundação do Museu Magüta: etnografia de um protagonismo indígena. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (org.). *Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012. v. 1, p. 201-218.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. *Regime tutelar e faccionalismo: política e religião em uma reserva Ticuna*. Manaus: UEA Edições, 2015.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. A formação do território Ticuna: do “nosso governo” (Torü Aengacü) ao associativismo. In: *A reconquista do território: etnografias do protagonismo indígena contemporâneo*. Rio de Janeiro: LACED/e-papers, 2022. p. 407-438.

PELLEGRINO, S. P. Antropologia e visualidade no contexto indígena. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 16, p. 139-152, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989.

RICARDO, Fanny (org.). *Terras indígenas e unidades de conservação: o desafio da sobreposição*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SCHERER, Joana. Documento fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica. *Cadernos de Antropologia da Imagem*, n. 2, p. 69-79, 1996.

SCHULTZ, Harald. Tukunas maiden come of age. *The National Geographic Magazine*, v. 116, n. 5, p. 629-649, 1959.

SILVEIRA, Alex Justus da. *Terras indígenas e fronteiras nacionais: um estudo jurídico sobre as territorialidades indígenas na faixa de fronteira da Amazônia brasileira*. Manaus: UEA, 2009.

SILVEIRA, Edson Damas da. Meio ambiente, terras indígenas e defesa nacional: direitos fundamentais em tensão nas fronteiras da Amazônia brasileira. Curitiba: Juruá, 2010.

SOUSA, Sebastião Rocha de. Conflitos de identidade entre os jovens da etnia Tikuna na comunidade de Umariçu I na Terra Indígena Eware I no município de Tabatinga-AM. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2013.

SOUSA, Sebastião Rocha de. A identidade indígena Tikuna no município de Tabatinga/AM. 2017.

VASQUES, Atos Fermin. Memória e resistência indígena. Embu das Artes: ALEXA Cultura e EDUA, 2021.

VASQUES, Atos Fermin. Sabedoria Tikuna: memórias culturais e os mistérios da floresta. Embu das Artes: ALEXA Cultura e EDUA, 2019.

Revista
CONVERGÊNCIA
CRÍTICA